

Cenas de absurdo no Gama

O projeto da Casa de Cultura do Gama tem à sua espera um terreno de 2.400 metros de área, atrás da Rodoviária da cidade, mas a idéia está há dois anos aprisionada em uma maquete, guardada num prédio que *não existe*.

“Inexistente do ponto de vista legal”, explica Divino Gomes, diretor de Cultura da cidade apontando o estande da construtora Paulo Octávio, que guarda a maquete.

“Esta é uma área pública vetada a construções definitivas”, esclarece Divino.

O estande fica ao lado da Administração do Gama e deveria ser desmontado, porque os prédios da construtora já foram vendidos mas, desde o último dia 23 de dezembro, abriga a Biblioteca Pública da cidade.

A biblioteca funcionava na Quadra 28 do Setor Leste e foi transfe-

rida pela administradora Maria Balbina de Moraes Vieira, que colocou uma placa com seu nome, na entrada do espaço exíguo onde os livros estão amontoados.

No Setor Central, o Galpão Cultural guarda um mistério: ninguém na Administração sabe quem foi o arquiteto que projetou a aberração.

O galpão é um vão de maís ou menos 400 metros de área, com um palco em cada ponta, projetado para que o público fique em pé e possa assistir a dois espetáculos simultaneamente.

Basta virar a cabeça de um lado para o outro.

Além disto, Gomes lembra que “os espetáculos só poderiam acontecer na seca. No período da chuva, o galpão inundava”.

Com material de construção doado pela comunidade, o espaço está sendo reformado.